

Raimar Richers

Os Educadores Educarão os Educadores

Se captei bem a mensagem dos Professores Rattner e José Paulo, ela afirma, em essência: a tese exposta é razoavelmente original e coerente na sua estrutura lógica, mas não se aplica aos PMDs: a) por não existirem evidências empíricas que comprovassem a sua validade; b) por ser ingênua face ao excesso de otimismo de sua premissa básica; e c) por deixar várias questões cruciais em aberto.

Vejamos cada uma dessas objeções, pela ordem:

A. O fato de não existir evidência empírica a respeito de uma tese nem a invalida, nem a confirma. Dizem os ingleses: "A prova do pudim está em comê-lo." O pudim contudo, que só existe como receita, não pode ser comido. A tese, pois, que ainda não passou pelo crivo da experiência pode ser "boa" ou não. Antes do fato, não o sabemos.

B. A suposta premissa básica, subjacente ao artigo, ou a "idéia da educação como 'panacéia' universal para os problemas do desenvolvimento" é uma inferência dos estimados colegas que absolutamente não endosso, nem creio que o artigo sugira ao leitor atento. As duas seções introdutórias e o primeiro parágrafo das conclusões procuram, entre outras coisas, sensibilizar o leitor para que não sucumba a esse tipo de exagêro.

Talvez o artigo reflita um excesso de otimismo por defender uma tese de difícil implementação. Talvez o texto peque por não ter focalizado a natureza e o grau de dificuldade na implementação da filosofia proposta. Deixamos isto para uma outra ocasião. No momento, trata-se em tentar abrir uma perspectiva.

C. Nas passagens finais, os comentaristas formulam algumas perguntas que o artigo deixa em aberto. Com uma dose de imaginação e desde que se aceite a tese como uma proposta meritória de investigação, não é difícil encontrarem-se respostas viáveis a essas indagações. Antes, porém, convém "filtrá-las" de algumas conotações de teor semântico algo amargo e pouco propícias à investigação científica objetiva.

Não se trata de adotar uma "postura paternalista e autoritária em relação à educação", nem de educar "donos da verdade" ou de impor objetivos e valores em defesa de determinados "interesses", mas de procurar uma filosofia da educação que ajude uma nação nova a encontrar os seus próprios caminhos de desenvolvimento. Dependendo da herança cultural e dos alvos de desenvolvimento imaginados pelos líderes intelectuais, sociais, políticos e econômicos, tanto a filosofia quanto as formas de sua implementação terão que variar de sociedade em sociedade.

Para o caso já mais específico daqueles países latino-americanos que se sentem preparados a não só tentar uma formulação nesse sentido, mas procurar, também, investigar algumas modalidades de aplicação, o artigo propõe recomendações. Essas se referem a um tipo de socialização (não só de educação) que é derivado dos princípios da modernização e que, a nosso ver, poderia ser inculcado à população pelo Estado por meio do sistema educacional.

A luz dessa concepção, passemos a oferecer uma interpretação telegráfica às dúvidas — justas e importantes — levantadas pelos Professores Rattner e José Paulo:

— Estaria o Estado em condições de exercer as funções de orientador e tutor da reforma valorativa moderni-

zante? — Nunca, sem um devido preparo.

— A quem caberia a tarefa de prepará-la? — Aos que têm condições de fazê-lo.

— Quem seriam? — Nos PMDs, minorias crescentes, capazes e dispostas a adotar e divulgar uma filosofia modernizante.

— Que minorias seriam estas? — Grupos compostos de líderes de opinião, de pessoas educadas e de educadores que, por aprendizagem e experiência, passam a ter condições de transmitir as mensagens da modernização.

— Haverá consenso entre esses grupos? — Nunca total. Nem isto seria necessário, desde que todos (ou a

maioria) adotassem uma linha de conduta capaz de conciliar motivações pessoais e grupais em torno de um alvo comum.

— Que alvo seria esse? — Por exemplo, o desejo de desenvolvimento aliado à disposição de lutar pela satisfação desse desejo.

— Esse processo levaria tempo? — No mínimo decênios, possivelmente gerações.

— E quem educaria os educadores? — Os educadores mais influentes e mais experimentados que adotam a filosofia da modernização.

— Não seria tudo isto algo utópico para a América Latina? — Martin Buber escreveu: "Não é lícito chamar de utópico aquilo que ainda não foi submetido ao exame das nossas forças".

Santa Helena: uma empresa a todo pano.

Santa Helena começou a fabricar tecidos em 1909. E rapidamente se firmou como criadora de tecidos de alta classe. De grande qualidade. Atualmente, ela está mais viva

do que nunca. Produzindo a todo pano, tecidos que fazem a moda. Santa Helena - uma empresa de bom gosto.

S.A. FÁBRICA DE TECIDOS

SH Santa Helena

Petrópolis - R.J.